Cieja Ermelino Matarazzo – respirações série luto – agosto/2020

caderno para respirar:

luto

CIEJA ERMELINO MATARAZZO

Caderno para Respirar:

Luto

SÃO PAULO

2020

Aprender a enlutar-se pelas mortes em massa significa marcar a perda de alguém cujo nome você não sabe, cuja língua você talvez não fale, que vive a uma distância intransponível de onde você mora. Não é preciso conhecer a pessoa perdida para afirmar que isso era uma vida. O que se lamenta é a vida interrompida, a vida que deveria ter tido a chance de viver mais, o valor que a pessoa carrega agora na vida dos outros, a ferida que transforma permanentemente aqueles que sobrevivem.

***Judith Butler**, 2020*

suspiros

Em uma entrevista concedida no mês de março de 2020, ainda no início da disseminação do coronavírus em território brasileiro, a filósofa estadunidense Judith Butler considerou que nesse contexto de pandemia ao qual estamos sobrevivendo, seria possível aprendermos ao menos duas lições a respeito da ideia de vulnerabilidade. A primeira lição estaria relacionada à percepção da interdependência entre os corpos expostos a uma vida social compartilhada, ou seja, a vulnerabilidade estaria vinculada à uma porosidade corporal, uma abertura que coloca em xeque a separação entre dentro e fora do corpo como condição para a nossa sobrevivência – a exemplo do que acontece com o ar que inspiramos e expiramos no ato da respiração. Nessa perspectiva, mantermo-nos vivos exige o reconhecimento de que viver não é outra coisa senão nos misturarmos à vida dos outros seres vivos, sejam eles humanos ou não. No entanto, durante a pandemia estamos lidando com os conflitos que surgem diariamente em relação a adoção de medidas de isolamento social, que consiste na medida mais segura para o controle dos níveis de contaminação do novo coronavírus – uma vez que este oferece um grande risco de letalidade para a espécie humana, ao contrário do que ocorre com outras espécies como, por exemplo, os morcegos que já convivem com esse tipo de vírus em seus organismos há mais de trinta anos, sem que o vírus lhes ofereça nenhum risco de morte, segundo pesquisas científicas recentes. Ainda assim, a adoção de medidas de isolamento social se tornou

altamente problemática em países como o Brasil, pois coloca em jogo uma série de interesses que não necessariamente partem do reconhecimento da nossa co-composição, da nossa co-dependência, da nossa co-responsabilidade com as outras formas de vida, sejam elas de ordem animal, vegetal ou mineral.

Dentre os interesses em jogo, podemos destacar a problemática em torno de quem tem a possibilidade de se manter efetivamente em isolamento social no Brasil, na medida em que, para citar um exemplo, a luta diária pela sobrevivência travada por grande parte da população que habita centros urbanos como São Paulo, exige a manutenção de uma rotina de trabalho em funções que não podem ser realizadas de modo remoto e dependem da utilização de transporte público, invariavelmente sujeito a aglomerações, para o deslocamento pela cidade. A partir desse exemplo, podemos deduzir que a iminência do desemprego e a prerrogativa de que a economia não pode parar, são alguns dos fatores que estão em jogo na relação entre quem pode ou não permanecer em isolamento, entre quais vidas devem ser protegidas e quais estão expostas à contaminação, disseminação e mortalidade ocasionadas pelo vírus. Assim, torna-se escancarado o teor de grande parte das trocas efetuadas em nossa vida social: a transformação da nossa condição de interdependência em uma via de mão única, característica do sistema capitalista neoliberal em que

vivemos, baseado em formas de dominação, exploração e expropriação da vulnerabilidade corporal de muitos em benefício da manutenção de uma forma de vida pautada na concentração de riqueza, nos excessos do dispêndio e nas benesses do luxo para poucos. É daí que, de acordo com a filósofa, nos deparamos com a segunda lição a respeito da vulnerabilidade, a qual demonstra que quem já estava exposto à violência promovida pelas desigualdades sociais, isto é, pelas práticas de dominação, exploração e expropriação da vulnerabilidade corporal em nome da manutenção da empregabilidade em nossa sociedade, em tempos de pandemia entra rapidamente nos gráficos nefastos que transformam nossos mortos em meros números de mortes.

Por meio dessa segunda lição questionamos: quem seriam os vulneráveis aos efeitos das desigualdades sociais e das violências exacerbadas que levam à morte em tempos de pandemia, no contexto brasileiro? A resposta a essa pergunta deveria nos assombrar. Desprovidos do mínimo existencial para a manutenção das condições básicas de sobrevivência em uma sociedade estruturada pela violência das desigualdades, pretos, mulheres, pobres, periféricos, indígenas e encarcerados são aqueles que estão mais vulneráveis aos riscos de letalidade do vírus no Brasil. Não obstante, a conjunção da crise sanitária e da crise política desvelada pela pandemia e pelo pandemônio no Brasil, nega a cada uma das pessoas

mortas direta ou indiretamente pela covid-19 a dignidade de rituais de despedida como o velório, o sepultamento e o subsequente luto. Quando nos deparamos com a dimensão social da vulnerabilidade em tempos de pandemia em países como o nosso, nos vemos co-implicados com a profundidade das feridas abertas pelo doloroso processo de constituição do que hoje chamamos pátria brasileira, ao nos colocarmos perguntas como: quais vidas são passíveis de luto ou não no Brasil?

Isto é, perceber as feridas profundamente abertas pela violência das desigualdades abissais no Brasil, também permite que reconheçamos a nossa vulnerabilidade corporal como aquilo que permite nos colocarmos diante das dores, dos sofrimentos e das perdas uns dos outros, ao compreendermos a coletivização do luto não apenas como um substantivo comum, mas também como um verbo, ou seja, o luto com um ato político. É nesse ponto que a arte aparece como uma possibilidade de nos colocarmos diante dos sofrimentos, das dores e das perdas uns dos outros. Para pensarmos a respeito dessa questão, podemos levar em conta um dos dizeres do professor e artista Allan Kaprow. Em uma edição da coletânea de panfletos *A Great Bear Pamphlet*, dedicada a manifestos escritos por artistas, Allan Kaprow publicou em 1966 um manifesto sem título em que afirmava que, "conforme a arte se torna menos arte, ela assume o papel inicial da

filosofia como crítica da vida". No mesmo manifesto, Allan Kaprow defende que a decisão de ser artista pressupõe tanto a existência de uma atividade única quanto uma série infinita de feitos que a negam, de modo que tal decisão seria modulada conforme o contexto no qual nossos atos podem ser compreendidos como arte, condicionando a percepção de uma experiência como uma experiência artística. Não por acaso, Allan Kaprow e outros artistas ligados à comunidade artística internacional conhecida como Fluxus faziam da arte por instrução o seu trabalho. Desse modo, podemos compreender a arte por instrução como uma prática artística que se torna menos arte no sentido convencional relativo à criação de uma obra vinculada a contextos artísticos como museus, galerias, exposições, coleções etc., pois quando experimentamos seguir uma instrução, estamos lidando com uma dimensão ampliada dos limites da arte, ao conferir uma certa artisticidade a diferentes modos de acionamento da co-presença corporal em um espaço-tempo compartilhado – a exemplo do que ocorre quando concebemos vídeo aulas de performance, em que a arte por instrução aparece como uma possível abordagem em educação remota na qual experimentamos nossa vulnerabilidade corporal, ao procurarmos pensar as vulnerabilidades a que fomos expostos em maior ou menor intensidade diante da gestão necropolítica da pandemia no Brasil.

Nesse viés, vale frisar que para a pesquisadora estadunidense Hannah Higgins, práticas como a arte por instrução seriam experiências pedagógicas por excelência, isto é, seriam formas de fazer educação. Pois a autora compreende educação como uma experiência transformadora, baseada na comunicação, no diálogo e na criação de vínculo uns com os outros, a partir do qual constitui-se um significado compartilhado do que seja a vida e, do que temos feito de nossas vidas, mesmo em contextos genocidas nos quais, por exemplo, a vida dos muitos é dizimada em nome do lucro de poucos. Assim, ao interpelarmos uns aos outros por meio de vídeo aulas de performance em que experimentamos a arte por instrução, não estamos fazendo outra coisa senão experimentarmos a vulnerabilidade como uma ação corporal na qual pensamos a respeito do sentido de realizarmos certas ações, de repetirmos dados gestos, de mantermos determinados hábitos corporais. Isto é, ao realizarmos vídeo aulas de performance experimentando a arte por instrução podemos questionar os comandos, ordens e regras que obedecemos ou não diariamente, como tem ocorrido diante dos entraves que temos enfrentado na adoção das medidas de distanciamento social no enfrentamento da atual crise sanitária. Ao nosso ver, a abordagem promovida por esta prática artística no âmbito da educação remota, traz à tona o que o psiquiatra estadunidense Benson Snyder denomina como ‘'currículo oculto‘’. O

currículo oculto seria o conjunto de normas, costumes e crenças transmitidas em contextos pedagógicos, escolares e educativos para além das grades curriculares que estabelecem e distribuem os conteúdos pedagógicos dos cursos, aulas etc. Em outras palavras, os acordos tácitos estabelecidos para a manutenção de determinado regime pedagógico, uma dada ordem escolar, ou ainda, uma certa prática educativa. Isto é, o currículo oculto está implícito naquilo que devemos aprender, mas que geralmente extrapola aquilo que está explícito nos conteúdos curriculares, nas salas de aulas, ou mesmo nas instituições escolares, pois trata-se da aprendizagem de ações, gestos e hábitos corporais que se espraiam por toda nossa vida cotidiana, desde outras esferas da nossa vida social como o trabalho, até mesmo a esfera da nossa intimidade, tal qual a nossa relação com entes queridos. Logo, podemos notar que o currículo oculto guarda uma devida relação com o esforço hercúleo que alunos, familiares, professores, coordenadores pedagógicos, diretores e demais membros da chamada unidade escolar tem feito no desenvolvimento de atividades que visem a implementação da educação remota, com a finalidade de que possamos cumprir o ano letivo apesar de tudo. Entretanto, ao nos mantermos permanentemente online, conectados às telas a fim de cumprirmos com as demandas, desafios e diligências geradas pela educação remota, é igualmente importante nos questionarmos sobre aquilo que as ansiedades da

conexão, os excessos das tarefas e as angústias do desempenho parecem dissimular, sonegar, ou mesmo, ocultar: a perda, o sofrimento e a dor as quais estamos todos expostos diante dos nossos mortos – familiares, amigos, vizinhos, conhecidos, irmãos da igreja, colegas de trabalho, brasileiros, bolivianos, italianos, chineses, em suma, pessoas cujas vidas perdidas não podem ser transformadas em números de mortes nos noticiários na internet, na televisão, no rádio e na mídia impressa.

Ao nos interpelarmos a respeito de nossa atitude diante da transformação dos nossos mortos em meros números de mortes, podemos colocar em ação nossa vulnerabilidade corporal ao nos relacionarmos com as perdas e os sofrimentos uns dos outros, em detrimento de somente obedecermos automaticamente as demandas geradas pela educação remota, tentando cumprir um ano letivo em meio a uma crise sanitária, política e econômica sem precedentes históricos. Se estivermos de acordo com o professor e filósofo John Dewey: "Nós nos tornamos artistas quando (...) nossa própria experiência é reorientada", de modo a criticarmos nossos atos a partir das experiências vividas, modificarmos nossos modos de estar no mundo e consequentemente aprendermos por meio da experiência. Portanto, quando escolhemos respirar com o luto dedicado às vidas perdidas pela pandemia no Brasil, experimentamos formas de demonstrar que essas vidas importam e não podem ser ocultadas em

meio à rotina das atividades de educação remota ou aos acordos tácitos que nos submetemos em nome da sobrevivência, a fim de manter a suposta saúde econômica do país. Trata-se de uma tentativa de fazer de cada uma dessas demonstrações de luto um modo de evitar que nossos mortos façam parte de uma espécie de currículo oculto, onde aprendemos a negar tacitamente nossa vulnerabilidade corporal ao pensarmos na escola apenas como uma via para escaparmos das vicissitudes da vulnerabilidade social, enquanto fingimos não ver pessoas que ainda em vida são transformadas em cadáveres jogados displicentemente uns em cima dos outros, enquanto o amontoado de mortos cresce até o céu.

Bárbara Kanashiro
Respiradora do Coletivo Parabelo
Denise Rachel
Respiradora do Coletivo Parabelo e do CIEJA Ermelino Matarazzo
Diego Marques
Respirador do Coletivo Parabelo

instrução

Quem
derramou
100 mil
lágrimas
no
céu
do

Brasil?

Ninguém
viu
?

Ninguém
ouviu
?

Quem
abriu
100 mil
covas
no

chão do
coração
do

Brasil?

Alguém
notou
?

Alguém
ouviu
?

Quem
sepultou
sem
enterro

100 mil
parentes
100 mil
entes

100 mil
gentes

amadas
idolatradas
adoradas

do

Brasil?

Chegará o dia
em que
verás

que um
filho teu
não foge
ao
luto:

Em um minuto,
o que você faria
para demonstrar
seu pesar
pelas 100 mil
vidas
perdidas
para

a
pandemia
no Brasil
?

Verás que um filho teu não foge ao luto

Coletivo Parabelo, 2020

respirações

* as respirações marcadas com asterisco foram transcritas a partir de áudio.

PRO: DENISE CICERO 3:C 18/08/2020
DEMONSTRO AQUI UM MINUTO DE SILÊNCIO PELAS VIDAS PERDIDAS, SOMENTE DEUS PODERÁ CONSOLAR OS CORAÇÕES DE SEUS FAMILIARES QUE CONTINUARAM VIVENDO COM A DOR DA SAUDADE.

Demonstro aqui um minuto de silêncio pelas vidas perdidas. Somente Deus poderá consolar os corações de seus familiares que continuaram vivendo com a dor da saudade.

Cicero Ferreira

Respirador do Módulo 3ºC
Quando está de folga sempre tem coisas para fazer em casa, trocar lâmpada, arrumar a eletricidade, fazer uma pintura. Sonha em terminar a construção da sua casa.

Rita Maria de Santana

Respiradora do Módulo 1ºB
Gosta de cuidar dos bichos e das plantas.
Sonha em aprender a ler e escrever.

Cleonice Silvino Lima Neves

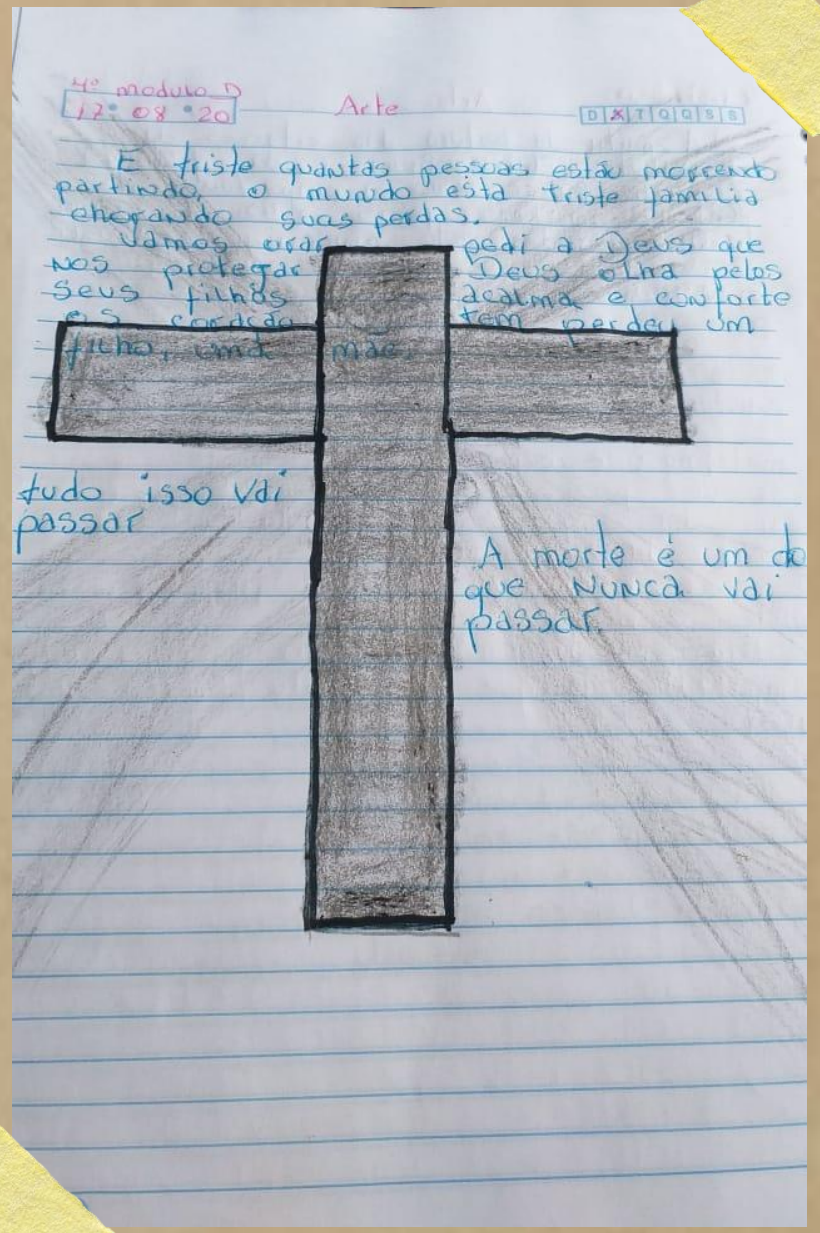
Respiradora do Módulo 3ºE
Gostaria de viajar com a família e conhecer outros estados.
Sonha em terminar os estudos e ver os filhos felizes.

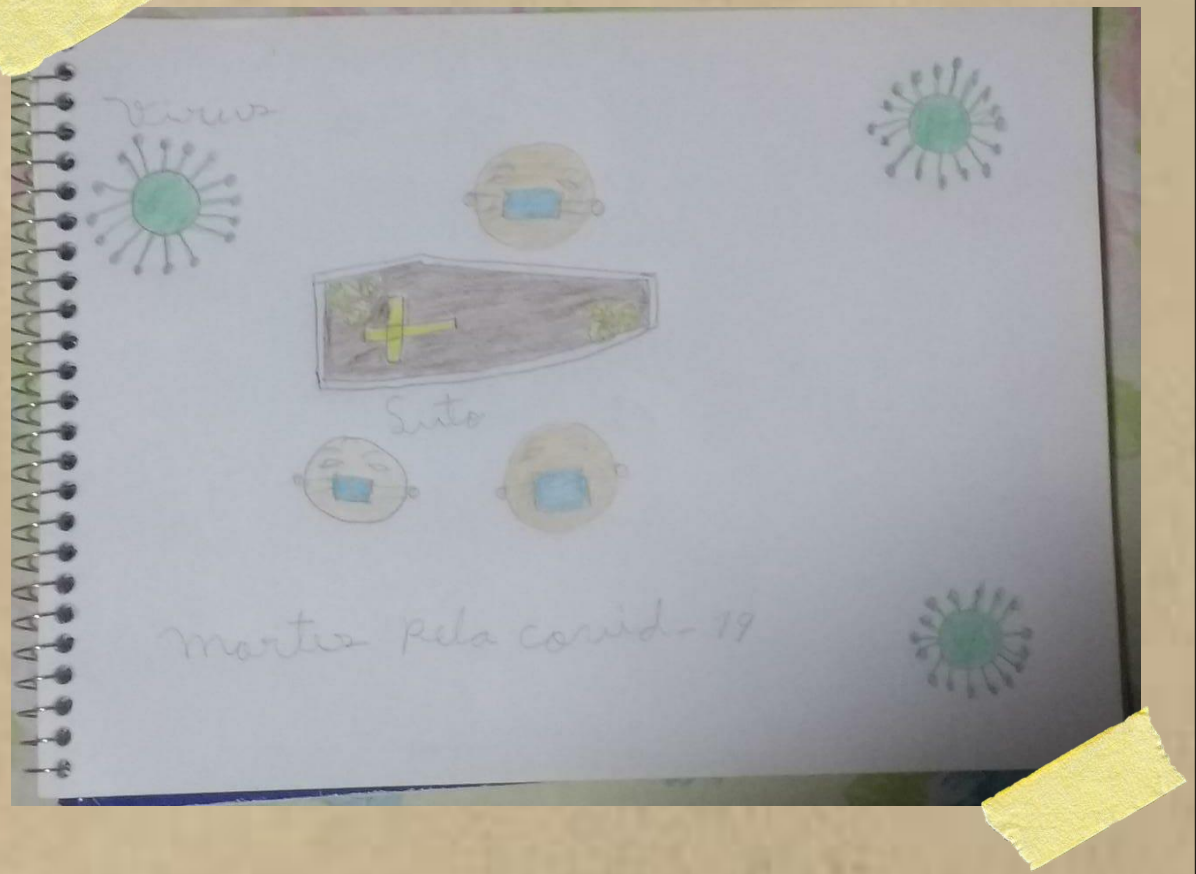
É triste. Quantas pessoas estão morrendo, partindo. O mundo está triste. Famílias chorando suas perdas. Vamos orar, pedir a Deus que nos proteja. Deus, olha pelos teus filhos, acalma e conforta os corações de quem perdeu um filho, uma mãe... Tudo isso vai passar.

A morte é uma dor que nunca vai passar.

Nilda Maria Aparecida Januário

Respiradora do Módulo 4ºD
Gosta muito de ler, assistir um bom filme e curtir com os filhos.
Já realizou o sonho que mais queria,
ter dois filhos, um casal.





As 100 mil vítimas perdidas pela covid, nos faz ficar de luto. Porque eu me coloco no lugar das famílias e é muito triste não poder ajudar. O governo poderia fazer mais para evitar tantas mortes.

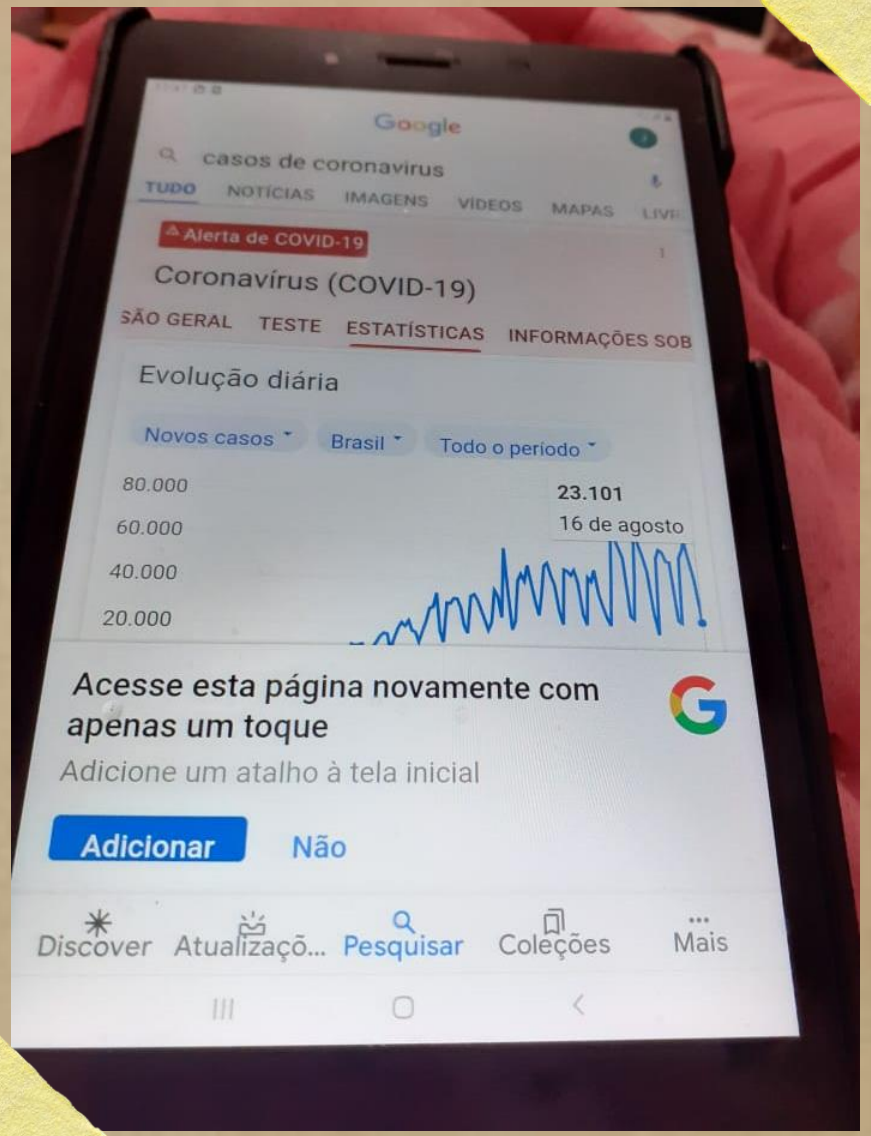
Maria José dos Santos

Respiradora do Módulo 2ºB
Gosta de cozinhar e o seu maior sonho
é aprender a ler e a escrever
para se formar um dia.

O que eu acho de mais triste é a quantidade de mortes. Não tem momento mais triste do que este.*

Josiane Machado da Silva

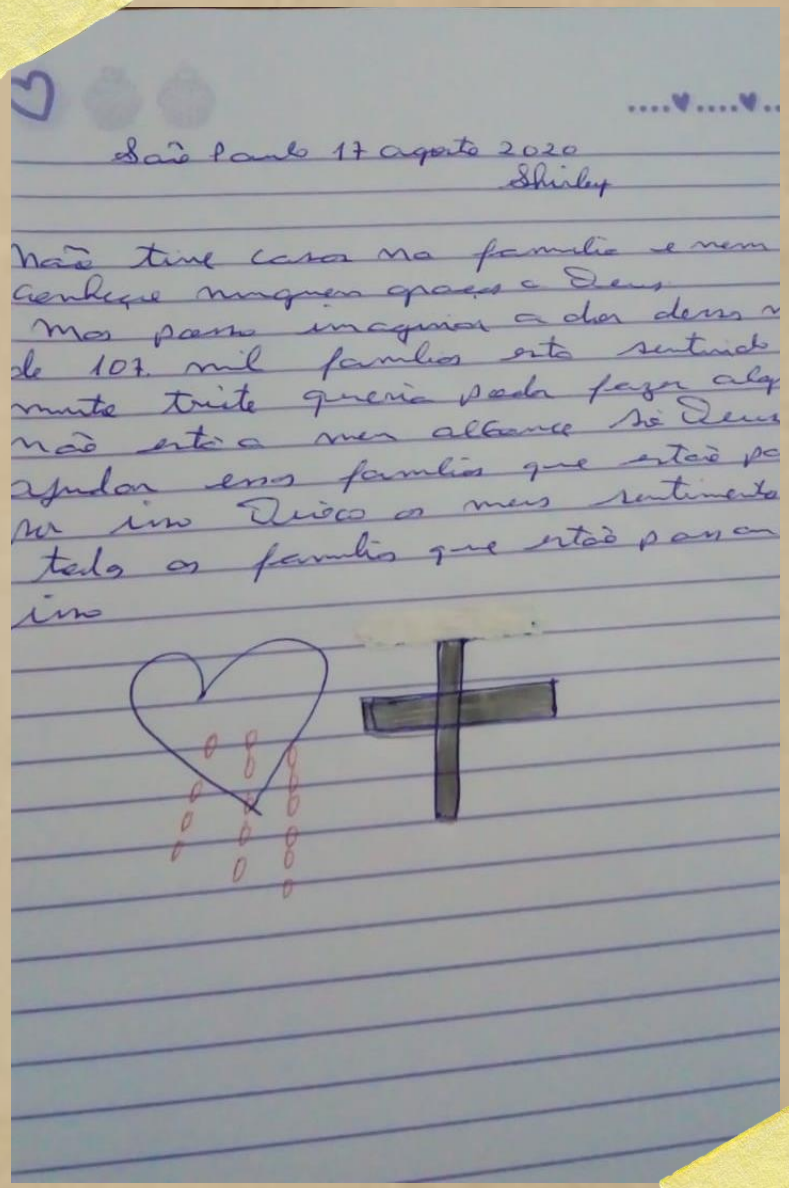
Respiradora do Módulo 4ºF
Gosta de ficar com a família.
Sonha em um dia não precisar mais tomar tantos remédios.



A marcha da morte... Como é triste isso. Nós poderíamos estar marchando por outras coisas: marchando de alegria, todo mundo com bandeirinha na mão. Mas o que vemos hoje é que, além de bandeirinha, muitos estão levando na mão a cruz. É bem difícil para todos nós o que está acontecendo com pessoas amigas, como eu que perdi uma amiga da igreja... É, a marcha da morte. Como aceitar a marcha da morte? Aceitar ninguém aceita, a gente tenta consolar um pouquinho o coração com tanta tristeza, com tanta doença, com tanta morte. Esse vírus veio devastando, causando muita dor, a gente sofre com as outras pessoas cada hora que chega uma notícia. Nosso coração vai ficando bem doído. Está nas nossas mãos ajudar essas pessoas, chorar com elas... Quem chora mesmo é aquela que vê uma mãe partindo, um pai partindo sem direito de ter um velório, sem direito de dar a última despedida, sem direito até de ter uma coroa de flores. Segundo os evangélicos, morreu é só matéria, mas eu, como católica, acho que a gente tem que olhar pela última vez no rostinho das pessoas da família da gente que morre. Então, é difícil falar agora... Na marcha da morte... Tomara um dia nós marchemos de alegria, ao pegarmos nossa bandeirinha e não uma cruz. Fazermos uma passeata de bicicleta e não uma carreira de caixões...*

Marina Tomas Santiago

Respiradora do Módulo 3°A
Gosta de bordar e fazer palavras cruzadas.
Sonha em viajar para o nordeste
e abrir uma pequena lojinha pra vender os seus bordados.



Não tive casos na família e nem conheço ninguém que perdeu a vida, graças a Deus. Mas posso imaginar a dor que essas mais de 107 mil famílias estão sentindo. É muito triste, queria poder fazer algo, porém não está ao meu alcance. Só Deus para ajudar essas famílias que estão passando por isso. Deixo os meus sentimentos a todas as famílias que estão passando por isso.

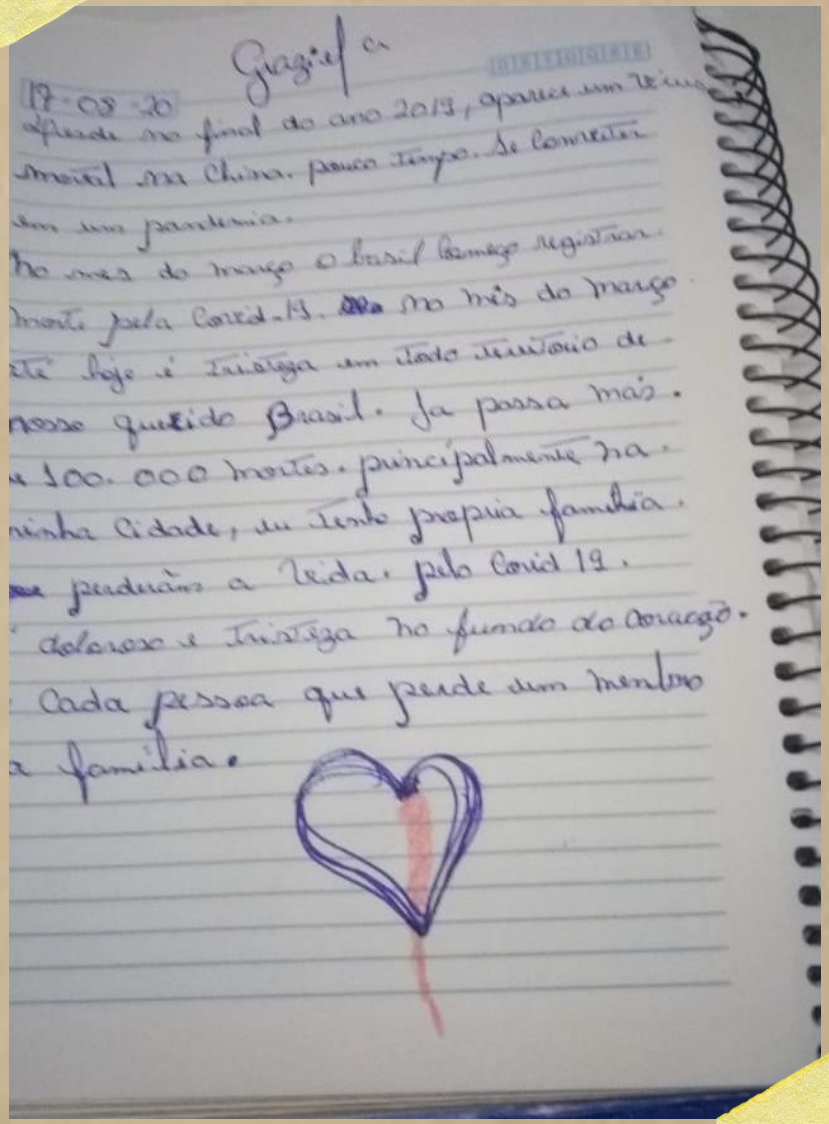
Shirlei Oliveira Paulino Guariroba

Respiradora do Módulo 4ºE
Gosta de ver televisão.
Sonha em ter uma casa própria.

Tenho uma dor aqui do lado. É muita tristeza pela perda de tantas pessoas. E a gente não pode fazer nada. É muita dor, muito medo e tristeza. O que eu faria para demonstrar o meu pesar, daria um abraço em cada um destes familiares que perderam seus entes queridos. Daria uma palavra de consolo, diria, força.

Maria Marinho de Andrade Sales

Respiradora do Módulo 2ºB
Gosta de ficar no quarto assistindo novela mexicana
e antes da quarentena, ir à igreja.
Sonha em voltar a morar em sua terra natal,
que é na Bahia em Vitória da Conquista.



Desde o final do ano de 2019, aparece um vírus mortal na China que, em pouco tempo, se converte em uma pandemia. No mês de março de 2020, o Brasil começou a registrar mortes pela covid-19. Do mês de março até hoje, é tristeza em todo o território do nosso querido Brasil. Já passa de 100 mil mortes. Principalmente na minha cidade, eu tenho pessoas na família que perderam a vida pela covid-19. É dolorosa a tristeza no fundo do coração de cada pessoa que perde um membro da família.

Graziela Ribeiro Jules

Respiradora do Módulo 4ºA

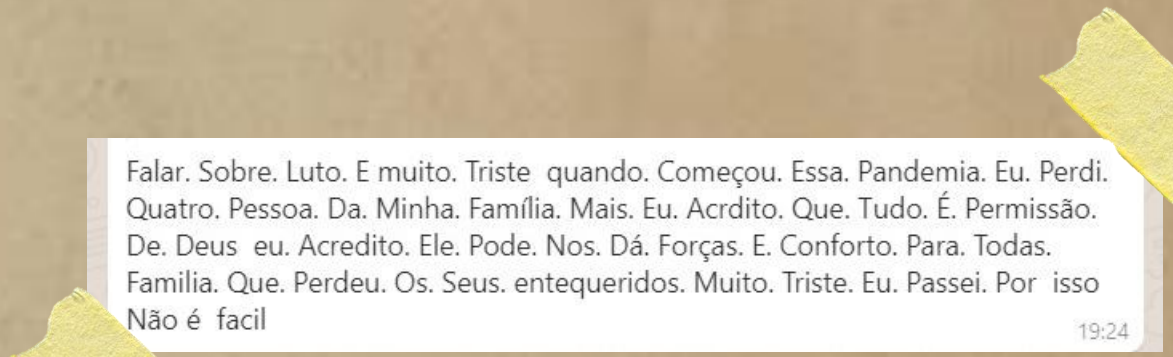
Gosta muito de ver documentários de ciências da natureza.
Sonha em se formar na escola e ser uma enfermeira,
para mostrar pra mãe que é capaz.

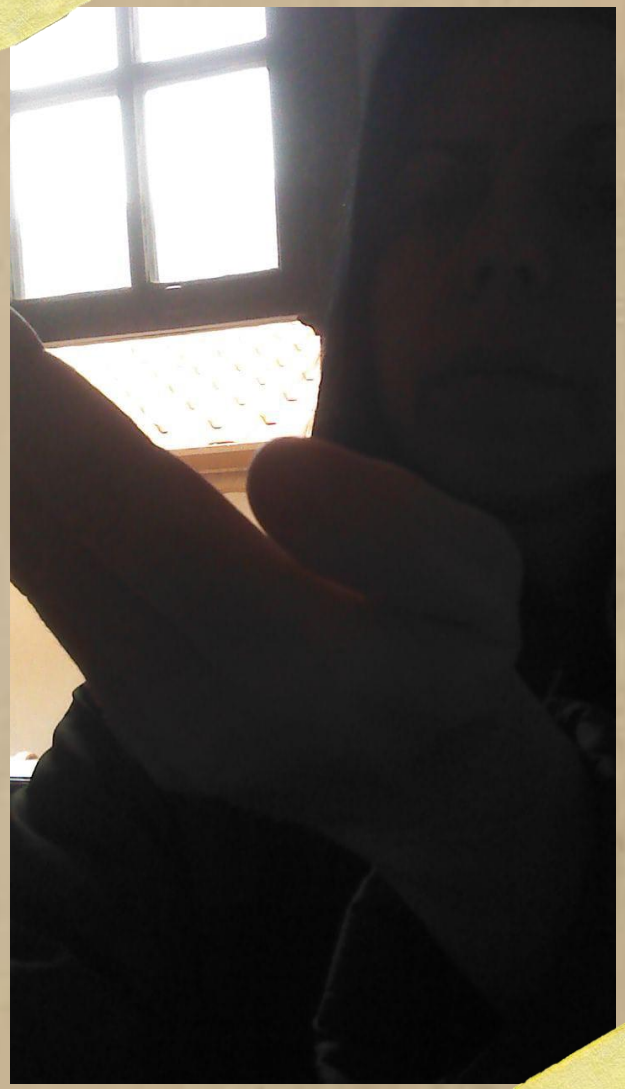
Falar sobre luto é muito triste. Quando começou essa pandemia eu perdi quatro pessoas da minha família. Mas, eu acredito que tudo é permissão de Deus. Acredito que ele pode nos dar forças e conforto para todas as famílias que perderam os seus entes queridos. Muito triste. Eu passei por isso. Não é fácil.

Cleide Nunes do Nascimento

Respiradora do Módulo 3ºE

Nas horas vagas costuma ler a palavra de Deus
pra ter um pouquinho mais de entendimento.
Gostaria que acabasse a pandemia pra gente poder se reunir,
Porque estudar em casa é muito difícil.





Mão voltada para a luz pelos mais de 100 mil mortos da pandemia...

Tania Regina Gamba

Respiradora do Cieja Ermelino Matarazzo e da família Gamba
Gosta de ler (sobre Filosofia e Psicologia, principalmente);
estudar Português e Inglês ou tirar alguma dúvida
através de pesquisas na Internet; gosta de falar com a família
e com os amigos e também gosta muito de estudar música.
O seu sonho é que as pessoas possam ver e sentir
a beleza que a vida tem, para melhor valorizá-la
em cada detalhe e em cada gesto.

Mão voltada para a luz pelos mais de 100 mil mortos da pandemia...

Patrícia Cristiane Gamba

Respiradora da família Gamba
Gosta de fazer artesanatos.
Sonha com um mundo
em que não existissem doenças
(físicas e mentais).

Mão voltada para a luz pelos mais de 100 mil mortos da pandemia...

Tatiana Denise Gamba

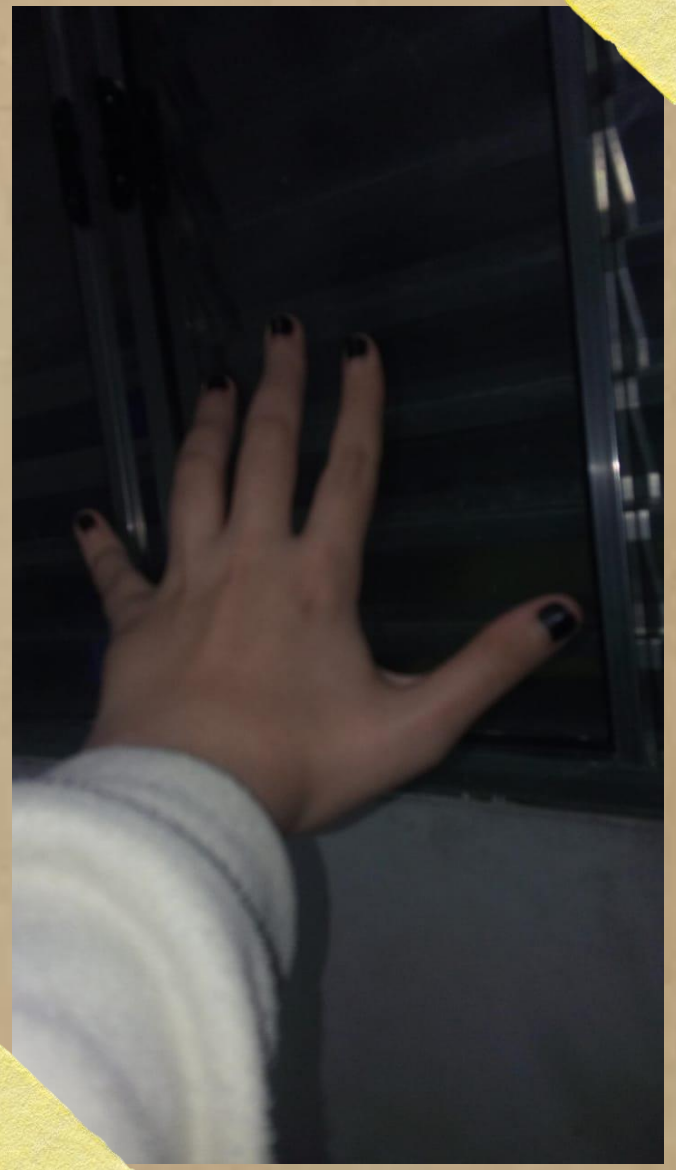
Respiradora da família Gamba

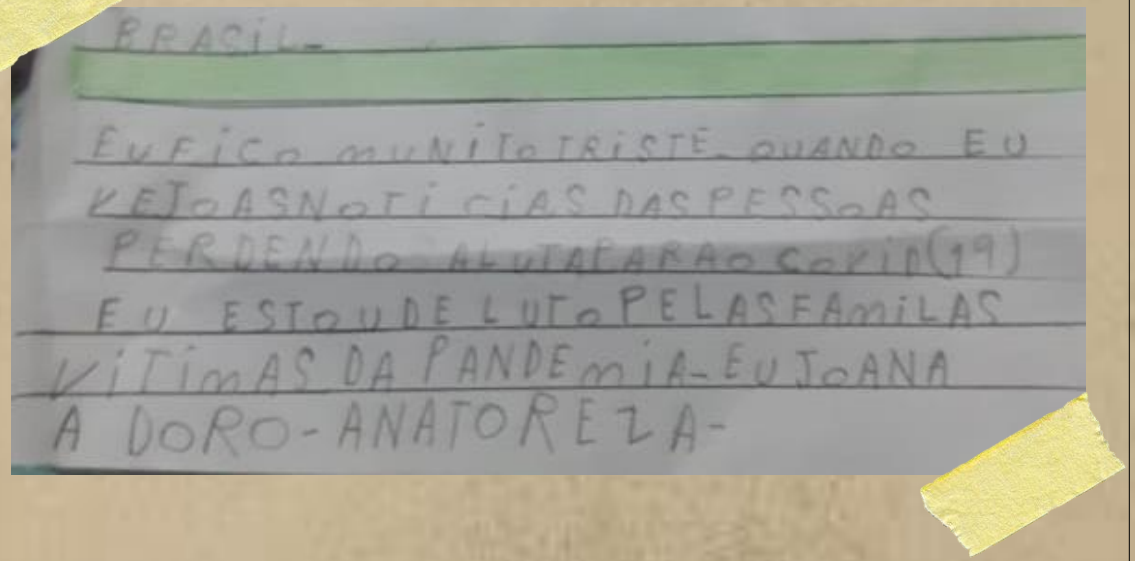
Gosta de fazer tudo o que a faz feliz:
cantar, dançar, estudar, meditar, exercitar, comer bem,
viajar, doar carinho e cuidados para si e para as pessoas.
Sonha com o dia em que seremos seres que se amam
e amam tudo que aqui habita.

Mão voltada para o escuro simbolizando o luto pelos mais de 100 mil mortos da pandemia...

Anakin Andrew Gamba Lunardi

Respirador da família Gamba
Gosta de ouvir música, jogar, conversar
e sair com os amigos etc.
Sonha em ser guitarrista.
E sonha com um mundo em que
achem a cura das doenças
e que não tenha mais "tretas" entre os países.





Eu fico muito triste quando vejo as notícias das pessoas perdendo a luta contra a covid-19. Estou de luto pelas famílias das vítimas da pandemia.

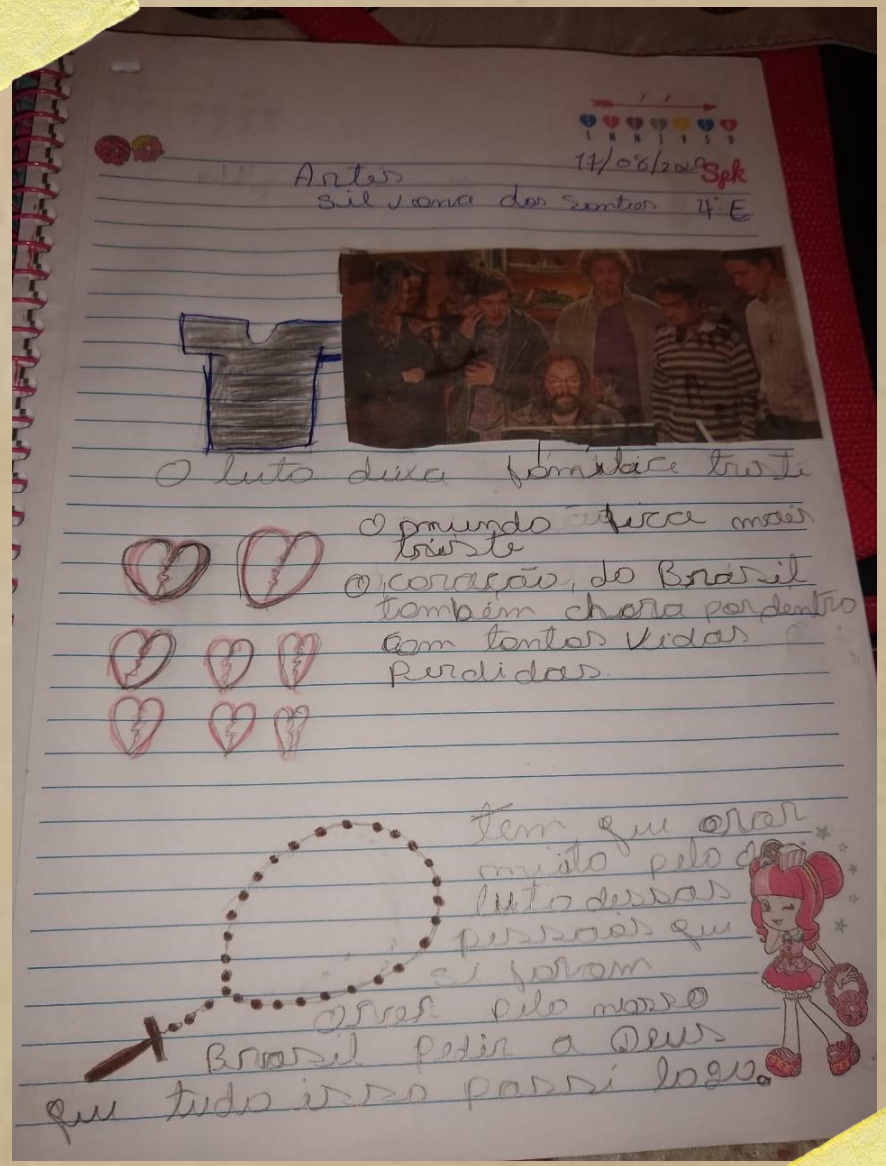
Joana de Jesus Santos

Respiradora do Módulo 2ºA
Gosta de mexer com as plantas.
Adora a natureza.
Sonha em morar em um sítio no interior
com plantação, cuidando dos animais.

Hoje são cem mil mortos, porém são bem mais que estão de luto... Porque cada pessoa que perdeu a vida deixou muitas pessoas enlutadas. Filhos, mães, pais, avós... muito mais.

Lenalva Jesus Honorato

Respiradora do Módulo 3ºF
Gosta de fazer uma leitura com meditação
e assistir filmes.
Sonha em terminar os estudos
e ter uma vida melhor.



O luto deixa a família triste. O mundo fica mais triste. O coração do Brasil também chora por dentro com tantas vidas perdidas. Tem que orar muito, fazer o luto pelas pessoas que se foram. Orar pelo nosso Brasil. Pedir a Deus que tudo isso passe logo.

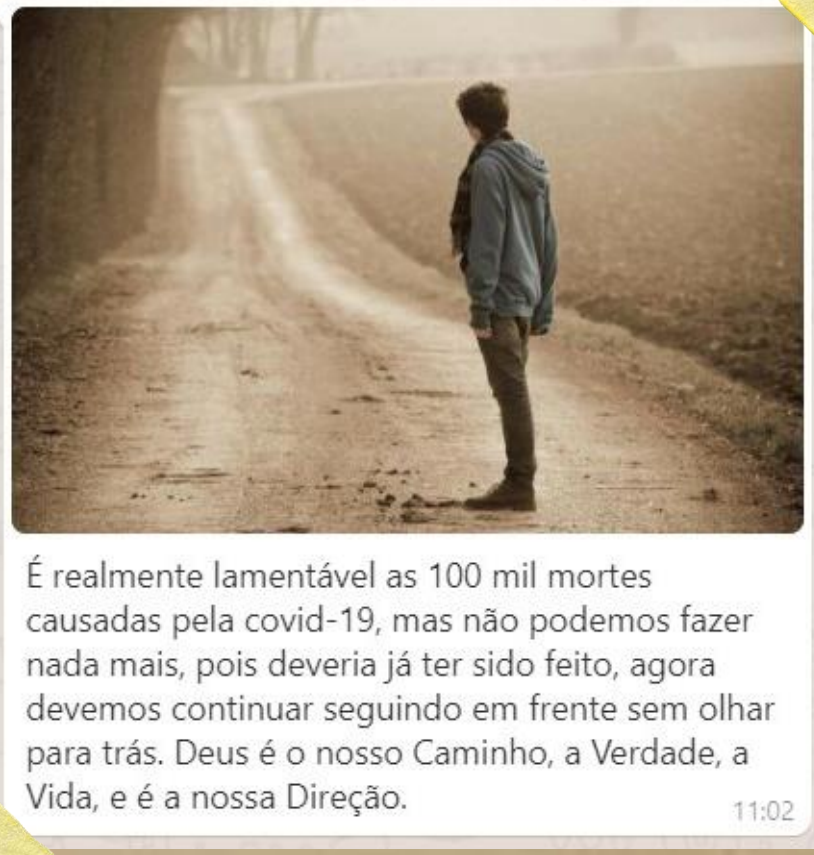
Silvana dos Santos

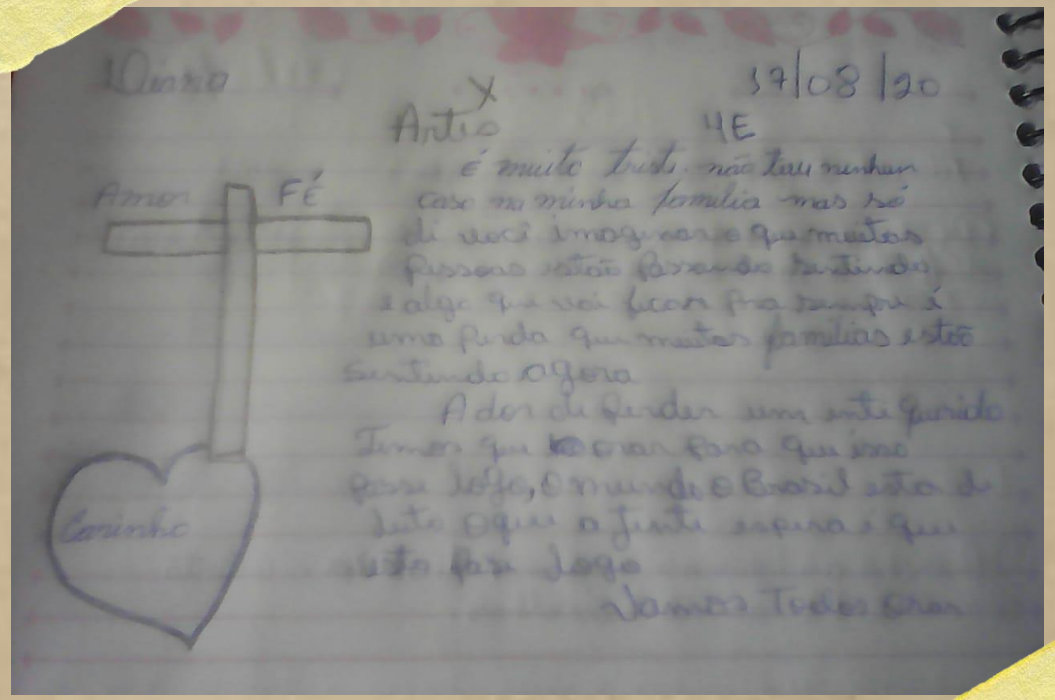
Respiradora do Módulo 4ºE
Gosta de ouvir música e ficar com a filha.
Sonha em poder ficar mais perto da família,
da mãe e dos irmãos.

Osvaldo da Silva Lima

Respirador do Módulo 2°A

Gosta de estudar, ler a bíblia, ir à igreja,
ao parque, ficar em casa com a esposa.
Sonha em fazer faculdade
e se formar como advogado.





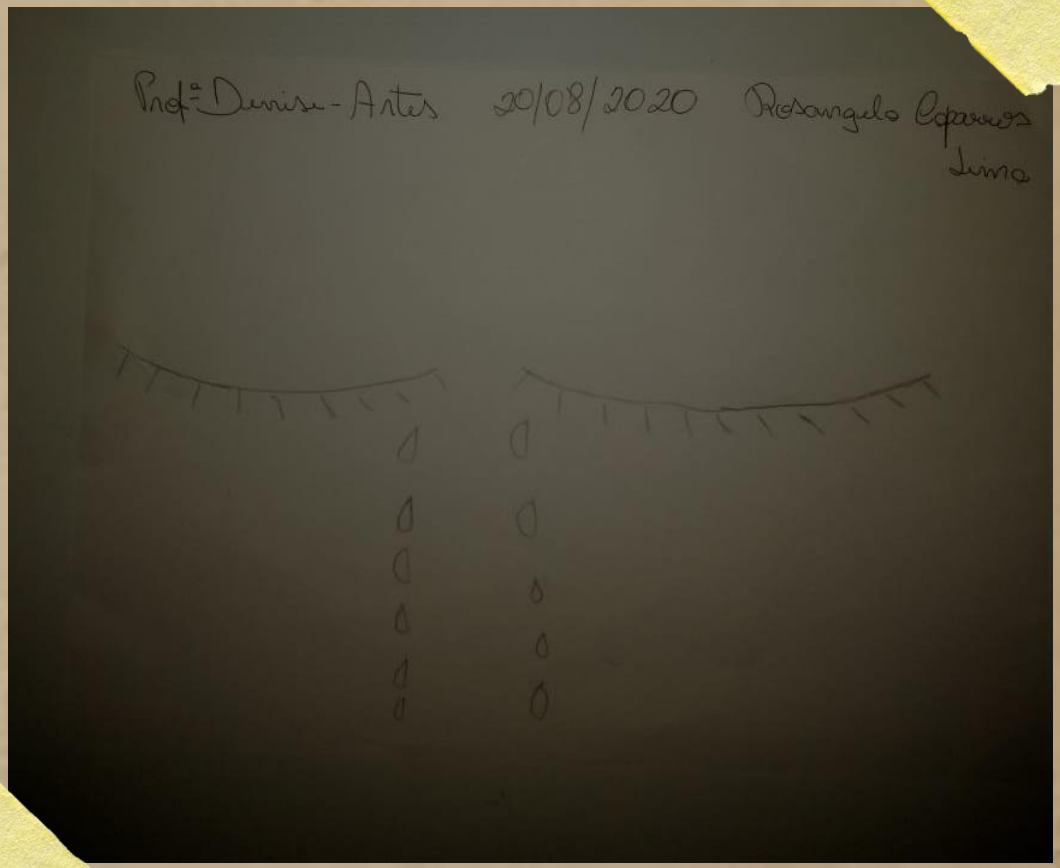
É muito triste. Não tenho nenhum caso na minha família, mas posso imaginar o que muitas pessoas estão passando, sentindo. É algo que vai ficar pra sempre. Uma perda que muitas famílias estão sentindo agora. A dor de perder um ente querido. Temos que orar para que isso passe logo. O Brasil, o mundo está de luto.

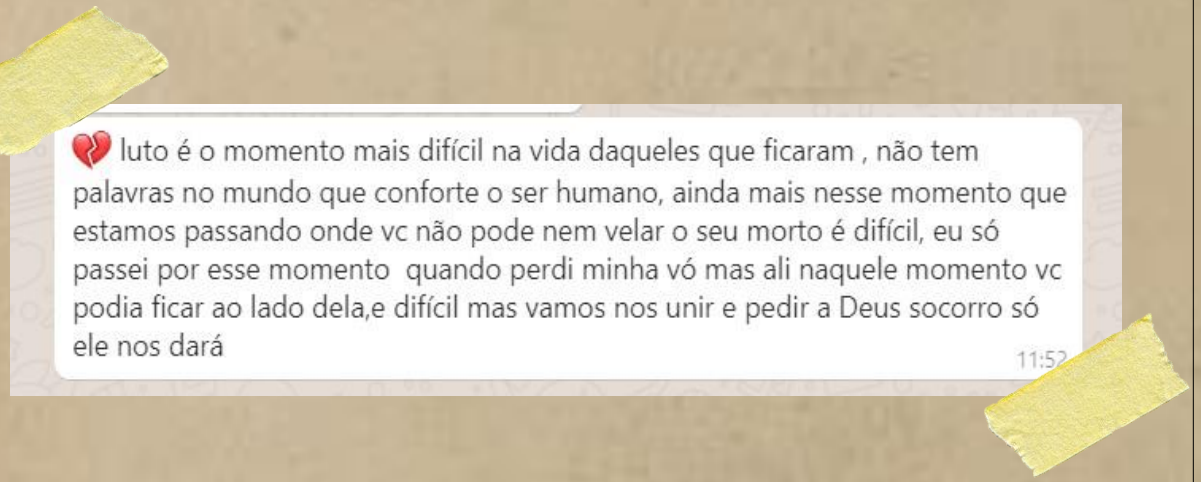
Diana Conceição de Sousa

Respiradora do Módulo 4ºE
Gosta de ler livros.
Sonha em terminar os estudos e fazer enfermagem.

Rosangela Caparros Lima

Respiradora do Módulo 2ºB
Gosta de fazer pulseiras e colares.
Sonha em se vestir de princesa
na sua festa de aniversário
e poder convidar muita gente.





Sonia Maria da Silva Souza

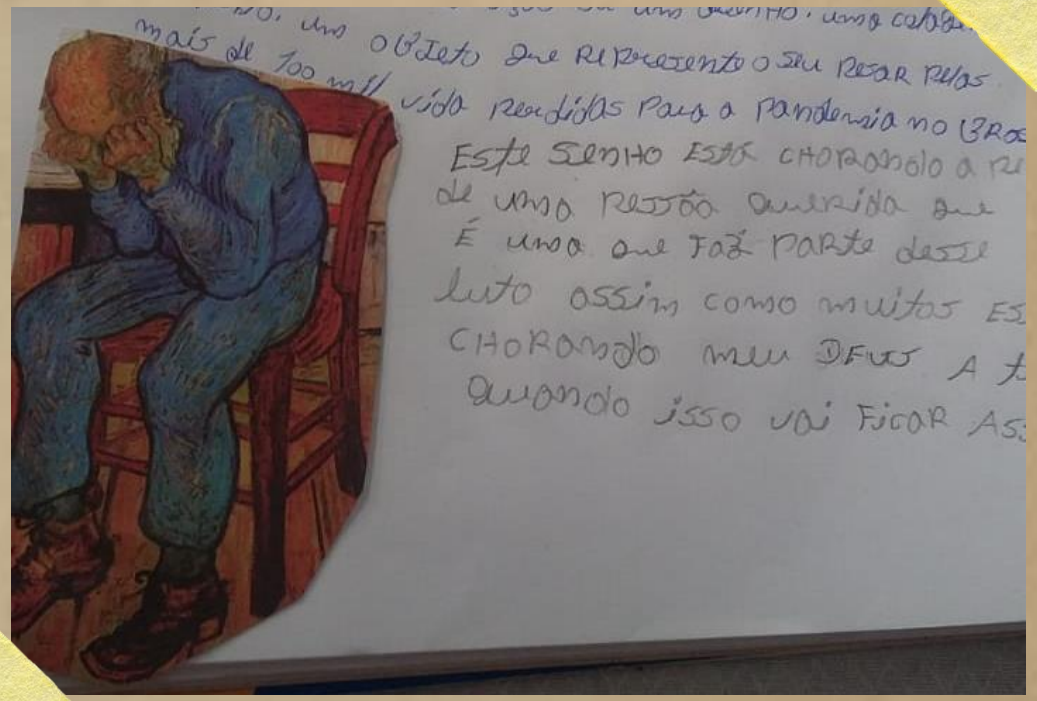
Respiradora do Módulo 3ºB

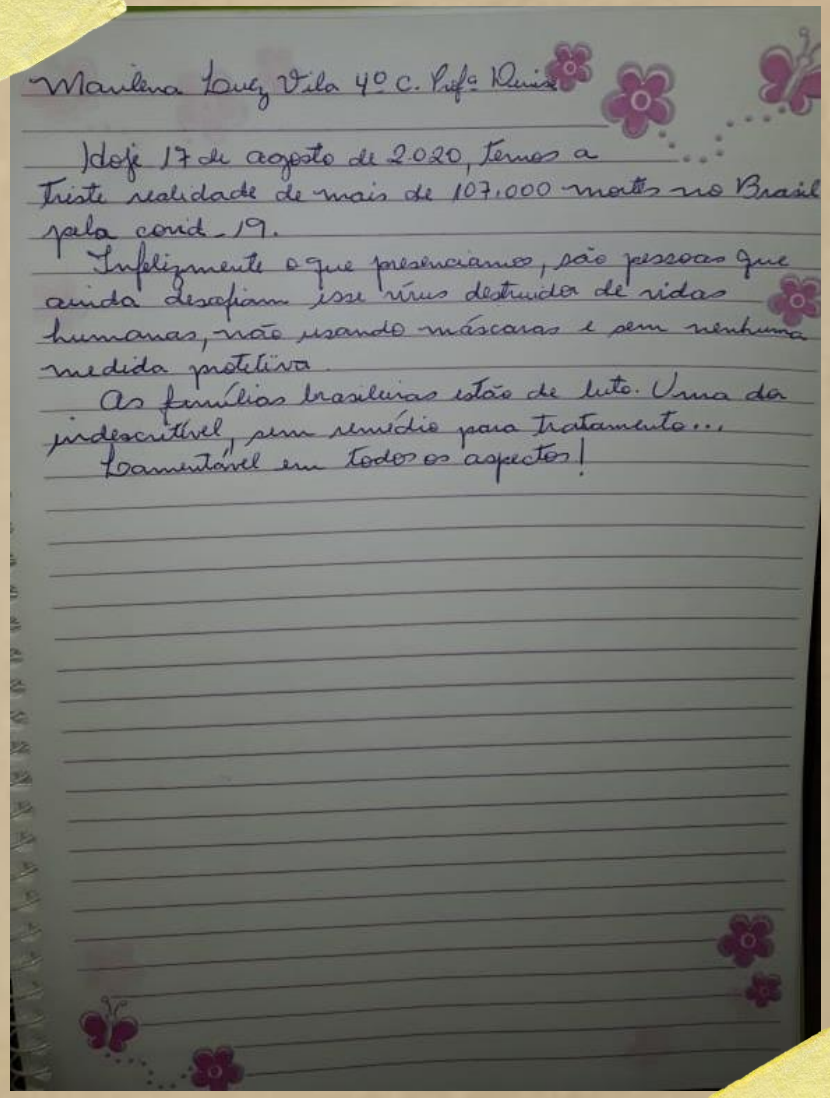
Gosta de fazer várias coisas como: assistir TV,
fazer palavras cruzadas, jogar um joguinho e conversar com alguém.
Sonha em ver os filhos bem casados, honestos, bem de vida
e que esse vírus perca a força e deixe o povo viver suas vidas em paz
e sem medo de dar um abraço.

Este senhor chorando representa a perda de uma pessoa querida. Eu faço parte desse luto, assim como muitos estão chorando. Meu Deus, até quando isso vai ficar assim?

Maria José de Oliveira

Respiradora do Módulo 4ºA
Gosta de pegar o caderno e escrever, pra melhorar a letra
e mandar mensagem pra saber
como as pessoas estão nessa quarentena.
Sonha em não parar mais de estudar para se formar em direito.





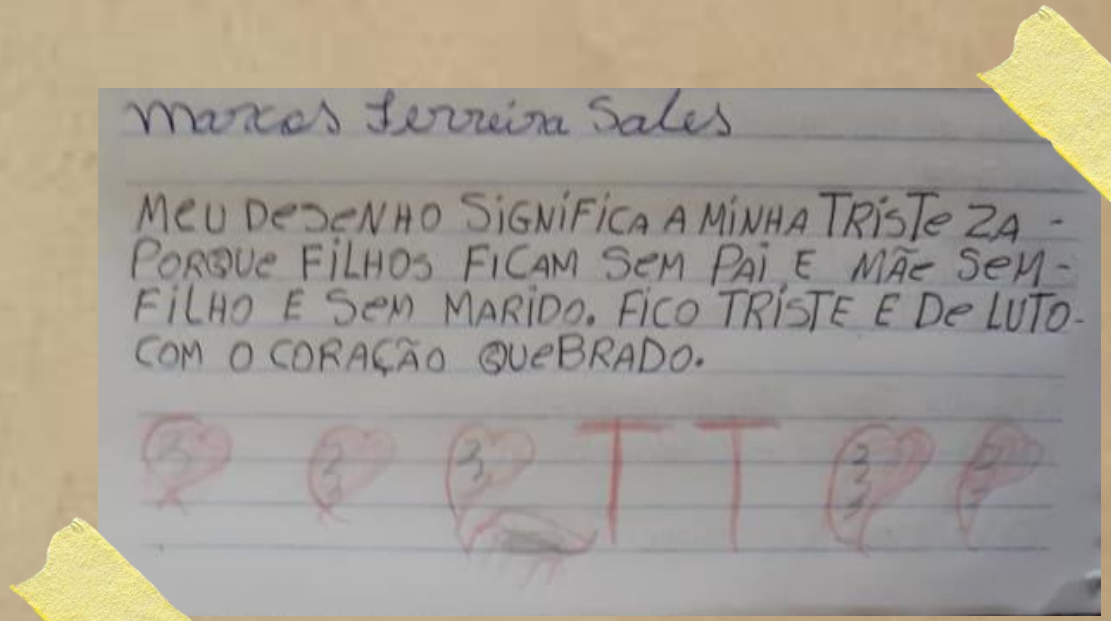
Hoje, 17 de agosto de 2020, temos a triste realidade de mais de 107 mil mortos no Brasil pela covid-19. Infelizmente, o que presenciamos são pessoas que ainda desafiam esse vírus destruidor de vidas humanas, não usando máscaras e sem nenhuma medida protetiva. As famílias brasileiras estão de luto. Uma dor indescritível, sem remédio para tratamento... Lamentável em todos os aspectos!

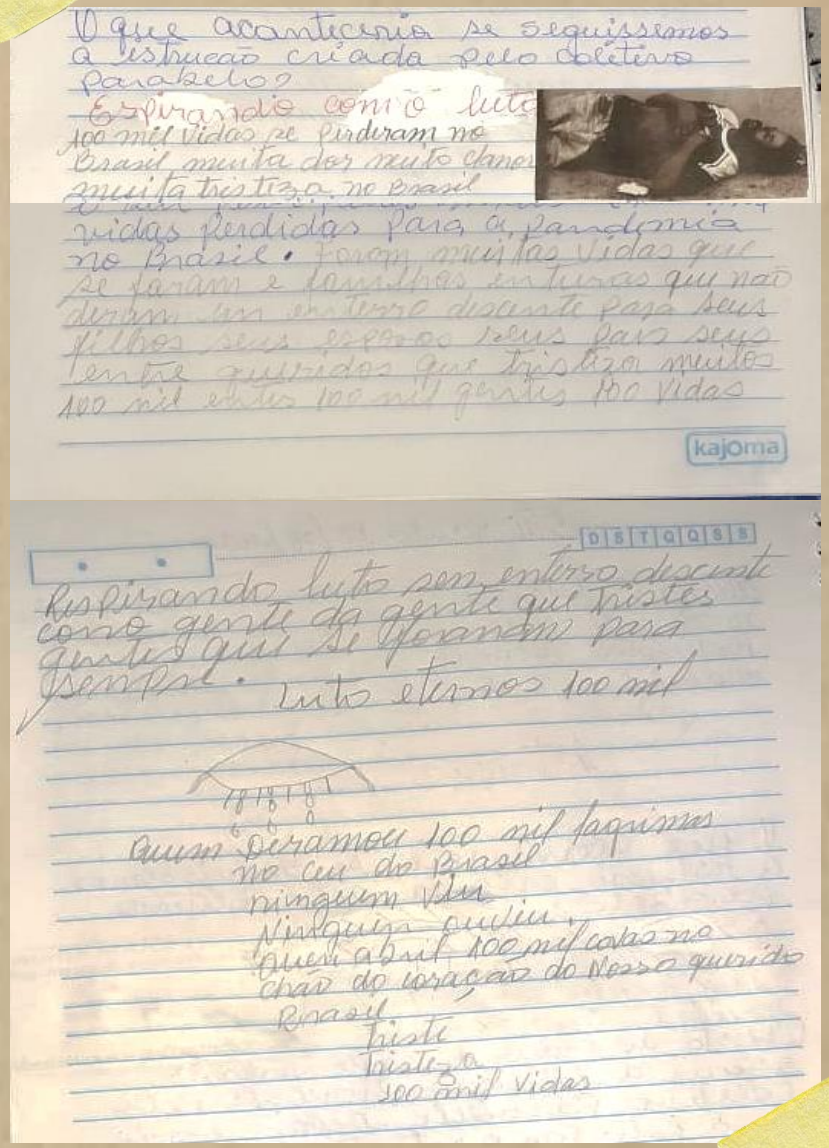
Marilena Luiz Vila

Respiradora do Módulo 4ºC
Gosta de ler e fazer comida para congelar.
Sonha em ver o Brasil com muitas faculdades, empregos
e o fim da miséria humana,
sonha em ver o Brasil sem corrupção
e ter orgulho de ser brasileira.

Marcos Ferreira Sales

Respirador do Módulo 4°D
Gosta de ler, assistir uma novelinha, um filmezinho
e fazer caminhada todos os dias de manhã.
Sonha em estar sempre viajando e voltar pra sua terra natal.





100 mil vidas se perderam no Brasil, muita dor, muito choro, muita tristeza no Brasil. Foram muitas vidas que se foram e famílias que não deram um enterro decente para seus filhos, seus esposos, seus pais, seus entes queridos. Que tristeza, 100 mil entes, 100 mil gentes, 100 mil vidas. Respirando luto, sem enterro decente como gente da gente. Que tristes gentes que se foram para sempre. Luto eterno, 100 mil vidas.

Clarice Rodrigues de Brito

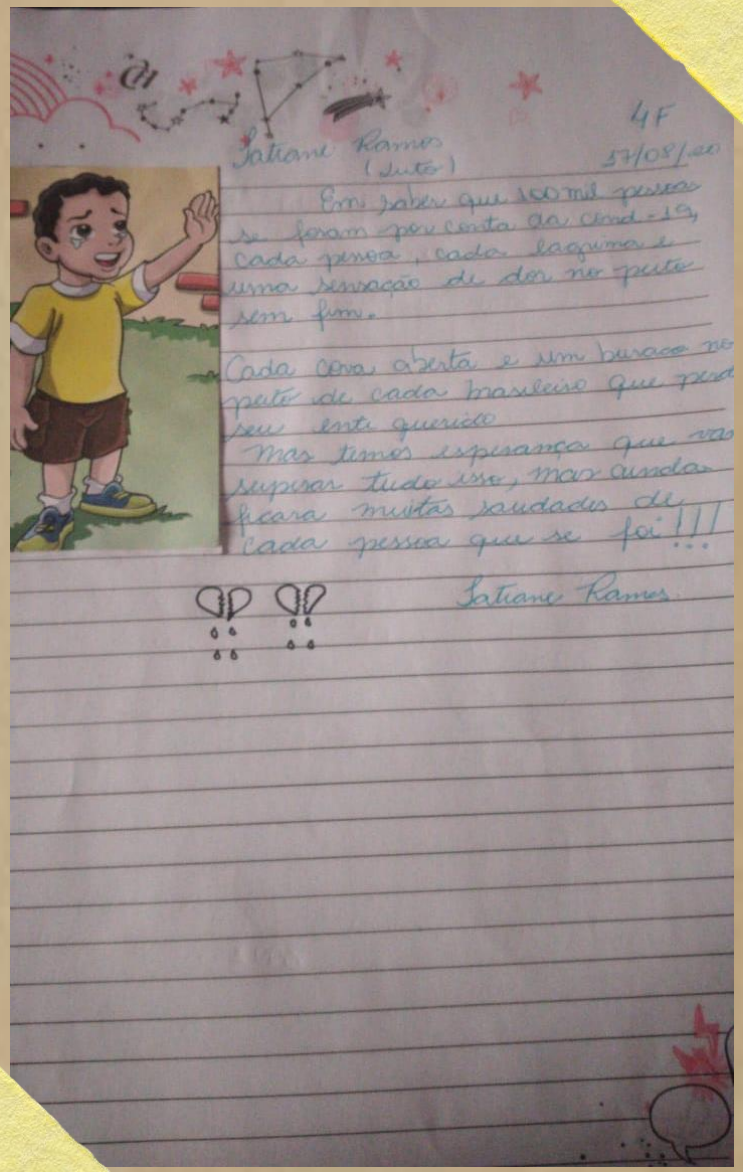
Respiradora do Módulo 4ºB

Gosta de apreciar a casa limpinha, ler a bíblia, ouvir hinos.
Sonha em terminar os estudos conquistar a casa própria
e encontrar um trabalho que não seja em casa de família.

Em saber que 100 mil pessoas se foram por conta da covid-19. Cada pessoa, cada lágrima é uma sensação de dor no peito sem fim. Cada cova aberta é um buraco no peito de cada brasileiro que perdeu seu ente querido. Mas temos esperança que vamos superar tudo isso. Mas ainda ficarão muitas saudades de cada pessoa que se foi!

Tatiane Ramos Pereira

Respiradora do Módulo 4ºF
Gosta de assistir séries e estudar inglês.
Sonha em ir para os Estados Unidos trabalhar
e poder dar uma vida melhor para os filhos.



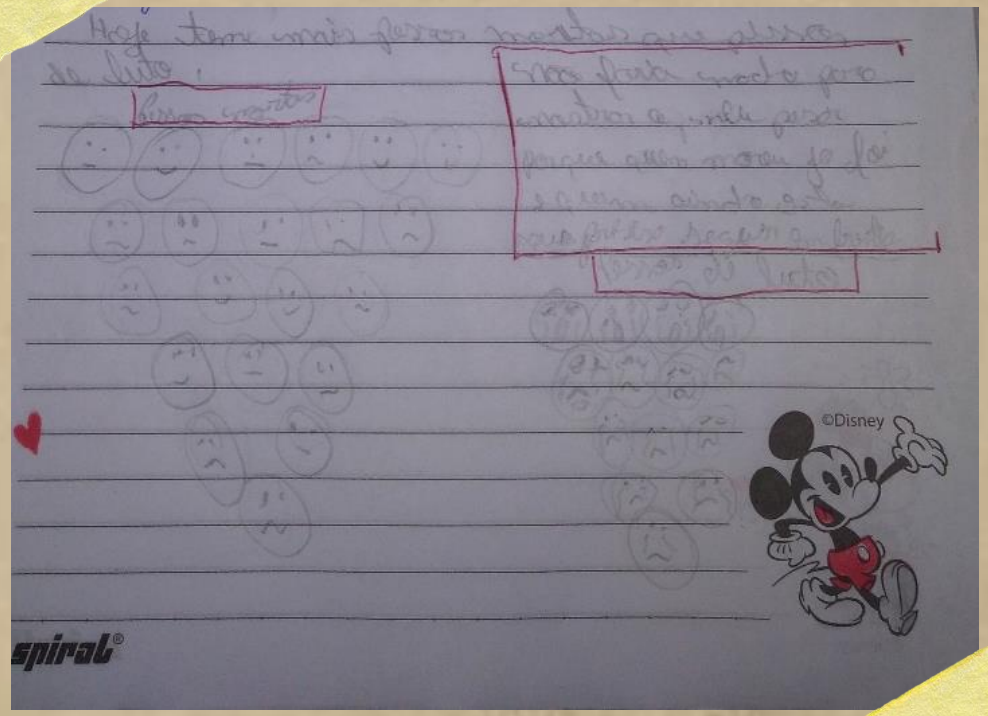
Falar de luto é muito triste, mas já temos esse sentimento dentro da gente. Não precisa uma pessoa da família falecer para ficar triste, para sentir a dor... Nessa pandemia, eu perdi muita gente conhecida, amiga. Perdi amigos dos meus filhos, que foram criados juntos... Muita gente se foi... E o que mais doeu em tudo isso, é a gente não poder dar um abraço nessa pessoa, dar um último adeus. Ver a pessoa pela última vez e consolar a família dela com um simples abraço, um olhar, um gesto. Porque nessa hora você não sabe o que falar para aquela família sobre a perda.*

Ildecy Miranda dos Santos

Respiradora do Módulo 3°A

Gosta de manter contato com os familiares e ajudar os outros.

Sonha em aprender a ler e escrever desde criança.



Hoje tem mais pessoas mortas do que pessoas de luto. Não faria nada para demonstrar o meu pesar, porque quem morreu já foi e quem ainda vive precisa seguir em frente.

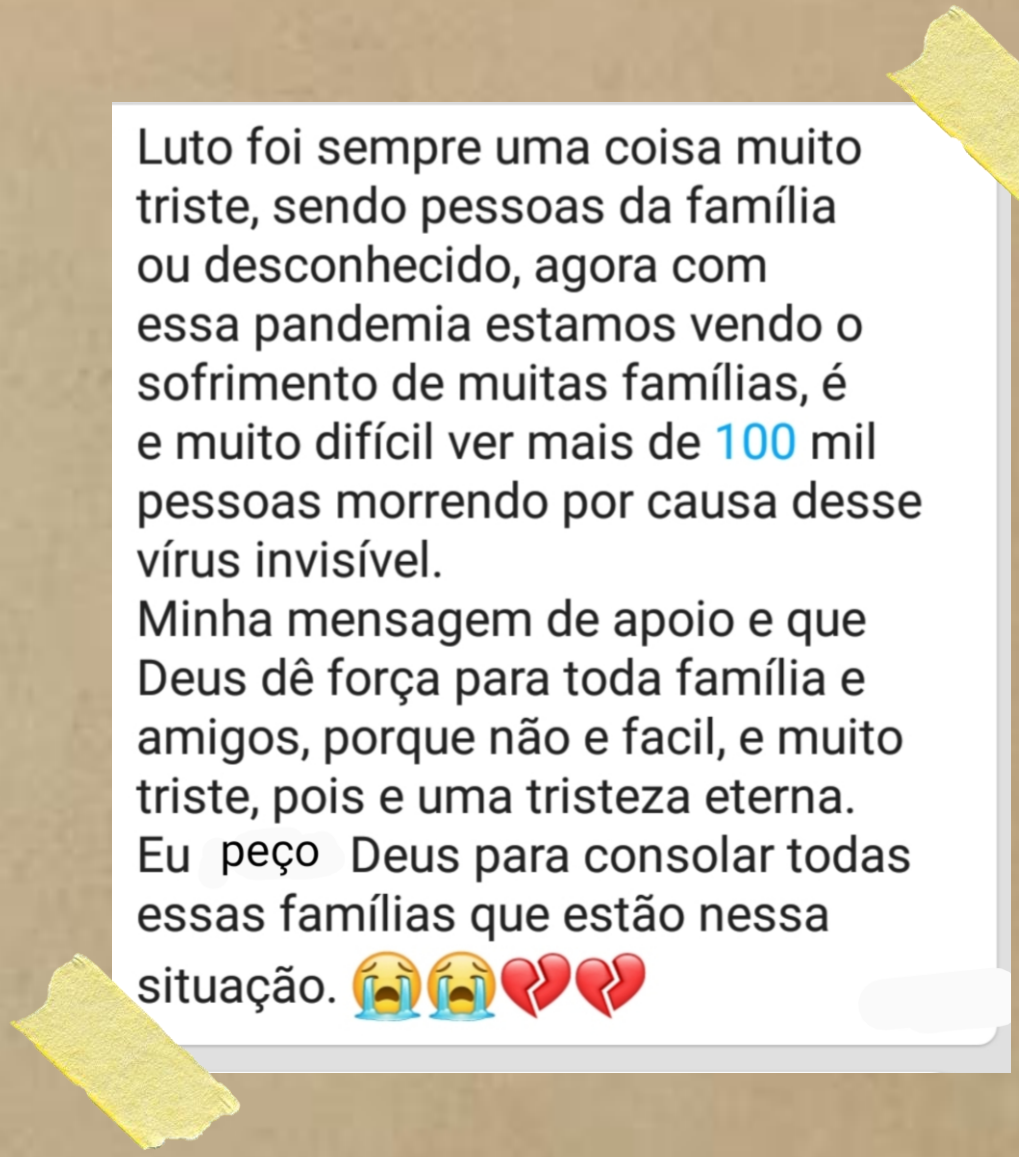
Nathalia Jordão dos Santos

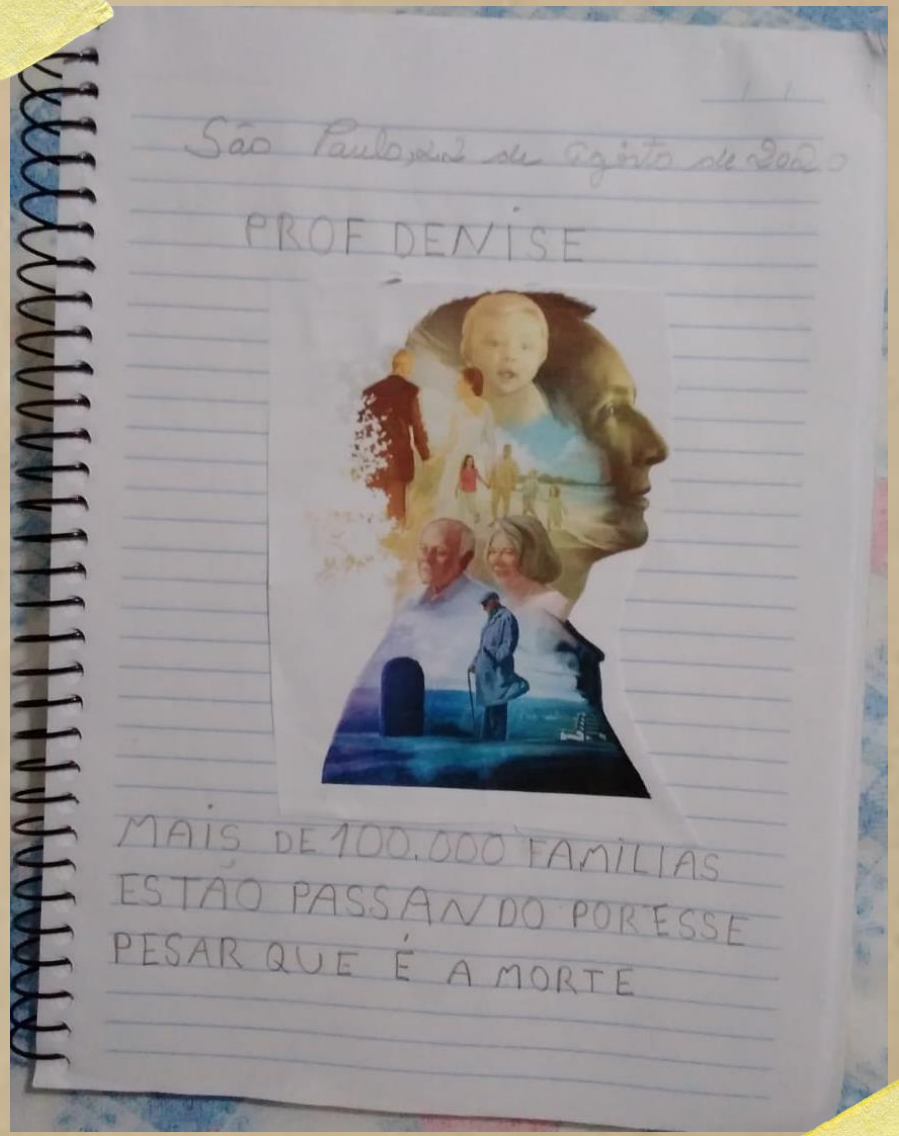
Respiradora do Módulo 4ºE
Nas horas vagas gosta de assistir série
e sonha em ir para fora do país.

Eliane Lopes da Silva

Respiradora do Módulo 3°D

Gosta de ler e sonha que Deus lhe dê força para finalizar os estudos.





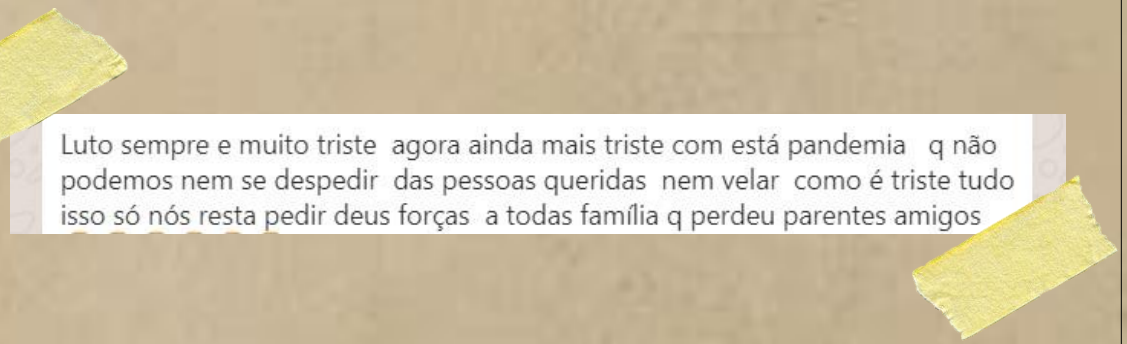
Aline da Rocha Barbosa

Respiradora do Módulo 3ºD
Gosta de pintar, desenhar e sonha em casar.

Meus sentimentos por todas as famílias que perderam seus entes queridos pela covid-19, sem poder fazer uma despedida ou um velório digno. É muito triste ver uma pessoa passar por uma porta de hospital e, muitas vezes, não veremos mais o retorno desse parente ou amigo para o seu lar. Não mais iremos abraçar ou beijar essa pessoa tão amada! Que Deus abençoe e fortaleça essas pessoas que perderam seus familiares. Meu abraço e sentimentos por todos.

Cássio Costa

Respiradora do Módulo 3ºF
Gosta de estar com os filhos e ir à praia.
Sonha em poder ver os filhos formados
e realizados em suas vidas.



Maria Francinete Rodrigues dos Santos

Respiradora do Módulo 1ºA
Gosta de fazer caminhada, ir na casa da irmã e estudar.
Sonha em ver a mãe e o pai no nordeste e
aprender a ler, que é o seu maior sonho.

Luto!

Palavras não podem expressar qualquer tristeza nesse momento. Peço para Deus: ampare e conforte todos os corações feridos pela perda dos seus entes queridos.

Paulo Rogério Avelar dos Santos

Respirador do Módulo 3ºA

Gosta de estar com a família, jogar futebol
e andar de bike com o filho, sair com a esposa.
Sonha em fazer uma faculdade,
para estar ajudando mais as pessoas de alguma forma!
Quer deixar um exemplo para o filho,
dar um conforto a mais para a família.

É muito triste pensar nessas milhares de mortes de pessoas que não tiveram um tratamento adequado no hospital. Nem tiveram um enterro digno como cidadãos brasileiros, trabalhadores. Eles são apenas jogados em um buraco por ordem dos nossos governantes. Assim, foram jogados em um buraco sonhos, esperanças, lembranças. Assim, o brasileiro vai embora e a gente fica com o luto e a dor no coração.

Maria das Graças Barbosa dos Anjos

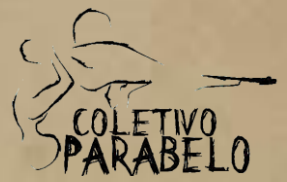
Respiradora do Módulo 2ºA
Gosta de escrever mensagens e ler.
Sonha em comprar uma casa e um comércio.

Ficha técnica Respirações
Pesquisa, concepção e produção: Coletivo Parabelo
Vídeo aula de performance: Bárbara Kanashiro, Denise Rachel, Diego Marques
Edição: Denise Rachel e Diego Marques
Filmagem: Taís Teixeira
Instrução: Coletivo Parabelo
Narração: Denise Rachel
Roteiro: Denise Rachel e Diego Marques

Caderno para Respirar
Série Luto
Distribuição gratuita
Permitida reprodução com os devidos créditos
São Paulo
2020

Texto Suspiros: Bárbara Kanashiro, Denise Rachel e Diego Marques
Revisão do texto Suspiros: Bárbara Kanashiro, Denise Rachel e Diego Marques
Instrução: Coletivo Parabelo
Diagramação: Bárbara Kanashiro, Denise Rachel e Diego Marques
Revisão: Bárbara Kanashiro, Denise Rachel e Diego Marques

Respirações: Aline da Rocha Barbosa, Anakin Andrew Gamba Lunardi, Cássio Costa, Cicero Ferreira, Cleide Nunes do Nascimento, Cleonice Silvino Lima Neves, Eliane Lopes da Silva, Graziela Ribeiro Jules, Ildecy Miranda dos Santos, Joana de Jesus Santos, Josiane Machado da Silva, Lenalva Jesus Honorato, Marcos Ferreira Sales, Maria Celeste Pereira Santos, Maria Francinete Rodrigues dos Santos, Maria das Graças Barbosa dos Anjos, Maria Girleide Lima de Carvalho, Maria José de Oliveira, Maria José dos Santos, Maria Marinho de Andrade Sales, Marilena Luiz Vila, Marina Tomas Santiago, Nathalia Jordão dos Santos, Nilda Maria Aparecida Januário, Osvaldo da Silva Lima, Patrícia Cristiane Gamba, Paulo Rogério Avelar dos Santos, Rita Maria de Santana, Rosangela Caparros Lima, Shirlei Oliveira Paulino Guariroba, Silvana dos Santos, Sonia Maria da Silva Souza, Tania Regina Gamba, Tatiana Denise Gamba, Tatiane Ramos Pereira



www.coletivoparabelo.com